

**A LITERATURA DE CORMAC MCCARTHY:
UMA LEITURA CRÍTICA DE *MERIDIANO DE
SANGUE* OU O *RUBOR CREPUSCULAR* NO OESTE**

MIKAEL DE SOUZA FROTA

A LITERATURA DE CORMAC MCCARTHY: UMA LEITURA CRÍTICA DE MERIDIANO DE SANGUE OU O RUBOR CREPUSCULAR NO OESTE

CORMAC MCCARTHY'S LITERATURE: A CRITICAL READING OF BLOOD MERIDIAN OR THE EVENING REDNESS IN THE WEST

Mikael de Souza Frota¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9015-7508>

DOI: <https://doi.org/10.59666/fiosdeletras.v1i01.3457>

RESUMO: O presente artigo objetiva analisar a obra *Meridiano de sangue ou O rubor crepuscular no Oeste* (2020), do escritor estadunidense Cormac McCarthy. Em um primeiro momento, a breve biografia do autor, atrelada ao seu processo de escrita e as suas obras, será apresentada. Posteriormente, um apanhado da literatura de McCarthy e dos temas encontráveis em seus livros será categoria de discussão, com ênfase nos romances *southern* e *western*. Por fim, a análise do romance *Meridiano de sangue* (2020) é feita, com base na revisão histórica e dos principais temas abordados pela literatura *western*, como resposta ao questionamento: de que forma Cormac McCarthy revisou e inseriu esses elementos na sua literatura, em especial no *Meridiano de sangue* (2020)? As respostas para esta pergunta e para os objetivos propostos estão sustentadas, principalmente, em Steven Frye (2009), Kenneth Lincoln (2009), Willard Greenwood (2009), Steven Shaviro (2009), Harold Bloom (2009), Elizabeth Andersen (2008) John Sepich (2008), Georg Guillemín (2004) e Frederick Jackson Turner (2004).

PALAVRAS-CHAVE: McCarthy; Literatura; *Western*; Violência.

ABSTRACT: This article aims to analyze the novel *Blood Meridian or The Evening Redness in the West* (2020), by the US writer Cormac McCarthy. In a first moment, the author's short biography, linked to his writing process and his works, will be presented. Subsequently, an overview of McCarthy's literature and the themes found in his books will be an argue category, emphasizing the southern and western novels. Finally, the analysis of *Blood Meridian* (2020) is made, based on the historical review and the main themes addressed by the US western literature, as an answer to the question: How did Cormac McCarthy review and insert these elements into his literature, especially in *Blood Meridian* (2020)? The answer to this question and to the proposed objectives are mainly supported by Steven Frye (2009), Kenneth Lincoln (2009), Willard Greenwood (2009), Steven Shaviro (2009), Harold Bloom (2009), Elizabeth Andersen (2008) John Sepich (2008), Georg Guillemín (2004) e Frederick Jackson Turner (2004).

KEYWORDS: McCarthy; Literature; *Western*; Violence.

¹ Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Amazonas. Autor do livro *Meridiano de sangue: a regeneração através da violência na fronteira Oeste dos EUA*. Trabalha como Professor Assistente no curso de Letras – Língua Inglesa, da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9015-7508>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/988110221366257>. E-mail: mikael.frota@gmail.com.

Cormac McCarthy é um dos autores estadunidense com grande prestígio na área de letras dos Estados Unidos e reconhecido mundialmente por seus trabalhos, tendo assim uma série de estudos consagrados sobre ele no seu país. Originalmente batizado como Charles Joseph McCarthy Jr. e filho de Joseph McCarthy e Gladys Christina McGrail McCarthy, o autor teve seu nome alterado para “Cormac” devido a sua origem irlandesa, pois na língua gaélica “Cormac” seria o equivalente a “filho de Charles”. Assim, Cormac McCarthy nasceu em Providence, Rhode Island no dia 20 de julho de 1933, sendo o terceiro filho de um total de seis.

McCarthy cresceu e foi criado em uma família seguidora da igreja católica romana. Aos quatro anos de idade, o autor mudou-se com a família para Knoxville, no estado do Tennessee, onde teve a sua formação no ensino básico em uma escola católica (FRYE, 2009, p. 2). Anos depois, o autor entrou para a Universidade do Tennessee e obteve grau em *liberal arts* (Letras).

Após deixar a universidade, em 1953, o autor entrou para a força aérea dos Estados Unidos e serviu ao país por quatro anos. Durante a vida militar, McCarthy passou dois anos em um quartel localizado no estado do Alaska, onde hospedava um programa de rádio. Nesta região isolada dos demais estados, cujo local foi intitulado *the last frontier* (a última fronteira), McCarthy começou a estudar vorazmente diferentes tipos de livros nas mais variadas áreas do conhecimento para o seu crescimento pessoal, tornando-se um autodidata e amante de literatura.

Passados esses anos de isolamento e de descoberta do seu interesse pela leitura, o escritor retorna para a Universidade do Tennessee, logo após sair da força aérea em 1957, onde permanece até 1959. Neste curto período dentro da universidade, McCarthy se especializou em engenharia e administração. No entanto, o autor estava longe de se concentrar nas duas áreas de formação, pois, durante essa pequena etapa na universidade, McCarthy escreveu suas duas primeiras histórias em forma de conto: “*Wake for Susan*” (1959) e “*A Drowning Incident*” (1960). Não houve tradução dos contos para a língua portuguesa, porém eles renderam ao autor os prêmios *Ingram Merrill Award* por escrita criativa e posteriormente “*A Drowning Incident*” seria publicada na revista literária da instituição, assinadas pelo autor como “C. J. McCarthy, Jr.” (LINCOLN, 2009, p. 3).

Cormac McCarthy deixou a universidade novamente e se mudou para Chicago, onde trabalhou por meio período como mecânico e iniciou a escrita do seu primeiro romance, *The Orchard Keeper* (1965). Foi durante a estadia do autor em Chicago que ele conheceu a sua primeira esposa, a poetisa Lee Holleman, com quem

ficou casado por quatro anos e teve um filho chamado Cullen McCarthy. Em 1965, o autor conseguiu auxílio financeiro junto a *Rockefeller Foundation*, cuja contribuição culminou na elaboração, revisão e publicação do seu segundo romance, *Outer Dark* (1968) (LINCOLN, 2009, p. 6).

Os dois primeiros romances publicados por McCarthy obtiveram boa aceitação da crítica estadunidense especializada, o que despertou interesse de estudiosos e de universidades sobre os seus trabalhos. No entanto, o autor sempre se manteve excluído, não aceitando convites de diferentes instituições para falar sobre os seus dois livros e o seu processo de escrita:

Por toda sua carreira ele permaneceu isolado, rejeitando ofertas lucrativas para dar palestras. Em 1976, mudou-se do Tennessee para El Paso, Texas. Foi premiado com uma bolsa pela *MacArthur* em 1981 e mais tarde casou-se com Jennifer Winkley e mudou-se para Santa Fé, Novo México, como bolsista no Instituto Santa Fé (FRYE, 2009, p. 3)².

A *John D e Catherine MacArthur* é uma fundação, cujo principal objetivo é apoiar instituições e pessoas criativas que contribuam para o desenvolvimento de pesquisas voltadas para soluções climáticas do globo e o compromisso histórico com a democracia dos Estados Unidos³. Cormac McCarthy tinha 48 anos quando foi contemplado com a bolsa de pesquisa da fundação *MacArthur*. Esse auxílio financeiro fez com que o autor se tornasse pesquisador exclusivo do *Santa Fe Institute* (Instituto Santa Fé).

O *Santa Fe Institute* fomenta pesquisas teóricas e independentes na área de estudos multidisciplinares nos Estados Unidos e no mundo⁴. Foi no instituto que Cormac McCarthy ficou imerso em conversas científicas com pesquisadores de diferentes áreas dos saberes. No instituto, McCarthy mostrou-se admirado e fascinado por assuntos que vão desde a história da matemática até a natureza do consciente. À vista disso, foi no instituto, durante os anos de 1980-1985, que o escritor iniciou e finalizou uma extensa e minuciosa pesquisa histórica, política e social, na qual culminou na elaboração do seu quinto romance, *Blood Meridian* (*Meridiano de sangue*).

Cormac McCarthy começou a dedicar-se exclusivamente aos processos de escrita e de pesquisa na sua carreira. Como membro do *Santa Fe Institute*, deixou os

² Throughout his career he remained private, rejecting lucrative offers for speaking engagements. In 1976 he moved from Tennessee to El Paso, Texas. He was awarded the MacArthur Fellowship in 1981, and he later married Jennifer Winkley and moved to Santa Fe, New Mexico, as a fellow at the Santa Fe Institute.

³ As informações foram encontradas no site da fundação *MacArthur*, que podem ser acessadas através do link: <https://www.macfound.org/>.

⁴ As informações foram encontradas no site do *Santa Fe Institute*, que podem ser acessadas através do link: <https://www.santafe.edu/>.

status de bolsista para se tornar um dos principais administradores e líder de grupos de pesquisas. Como autor, McCarthy está preocupado com a natureza formal da sua arte, além de ter participado, em uma maneira retrospectiva, na tradição do mundo da literatura *western* dos EUA desde o seu começo até as posteriores manifestações no século XX. McCarthy sempre teve curiosidade em aprender sobre conhecimentos gerais e, dentro da sua escrita, é possível encontrar temas relacionados a filosofia, a história e a religião.

Como escritor, McCarthy ganhou prêmios importantes por sua contribuição ao mundo literário. Dentre tantas premiações, as que mais se destacam são: *National Book Award* e *National Book Critics Circle Award*, por *Todos os Belos Cavalos*, em 1992; *Pulitzer Prize* e *James Tait Black Memorial Prize*, por *A Estrada*, em 2007. Em 2005, a revista *Times* considerou a obra *Meridiano de sangue* como um dos 100 melhores livros escritos em Língua Inglesa publicados desde 1923. Em 2010, foi a vez de *A Estrada* ganhar seu lugar de destaque na revista britânica *The Times* como um dos 100 melhores livros de ficção e não-ficção dos últimos 10 anos.

Diante de tantos prêmios e variabilidades de temas encontráveis nas histórias escritas pelo autor, faz necessário uma apresentação e um apanhado da literatura de Cormac McCarthy.

1. Um apanhado da literatura produzida por Cormac McCarthy

É possível navegar pela literatura de Cormac McCarthy através de seus romances históricos, cujos subgêneros estão associados à literatura dos Estados Unidos como *southern* e *western*. Conforme Paul Christian Jones (2002, p. 334), o romance histórico é um subgênero do romance na literatura norte-americana, popular nas regiões Sul e Oeste dos Estados Unidos ao longo dos séculos XIX e XX. Ainda de acordo com o professor, “à medida que os autores projetaram as lutas históricas do sul em um brilho romântico, eles esboçaram uma imagem glorificada do passado do sul” (JONES, 2002, p. 334)⁵ que serviria para a criação da identidade do homem dessas regiões dos Estados Unidos posteriormente.

A *Southern Literature* (Literatura do Sul dos EUA) pode ser definida como uma importante ramificação da literatura dos Estados Unidos, referente a região Sul do país. Tradicionalmente, os temas encontráveis dentro dos estudos *southern* enfatizam as histórias de desbravamentos dessa região, o significado da família, o senso de justiça, a crença em uma supremacia racial e religiosa de domínio daquelas terras, dentro das expectativas que elas traziam para esse novo homem do Sul.

⁵ As authors cast the epic struggles of southern history in a romantic glow, they projected a glorified image of the South's past.

Cormac McCarthy publicou os seus quatro primeiros romances *southern* entre 1965 e 1979. São eles: *The Orchard Keeper* (1965), *Outer Dark* (1968), *Child of God* (1973) e *Suttree* (1979). Apesar disso, Cormac McCarthy é mundialmente conhecido por sua literatura *southwestern* e/ou *western*. Esses romances foram publicados nos períodos de 1985 a 2005. As referidas obras são: *Blood Meridian* (1985), *All the Pretty Horses* (1992), *The Crossing* (1994), *Cities of the Plain* (1998), ressalto que esses três fazem parte da *Border Trilogy*, e *No Country for Old Man* (2005).

A *American Western Literature* (Literatura do Oeste Americano), também conhecida como *Western Fiction* (Ficção do Oeste) ou *Frontier Romance* (Romance de Fronteira), é uma ramificação da literatura deste país ambientada na fronteira Oeste dos Estados Unidos. A referida fronteira, segundo o historiador conservador Frederick Jackson Turner (2004), estaria localizada no meridiano 99 e dividiria o país em dois: o mundo civilizado (Leste) e o mundo selvagem (Oeste).

Os principais temas da literatura *western* são: o heroísmo individual, a expansão territorial, a democracia e a liberdade, a criação e a formação da identidade nacional dos Estados Unidos, a ideia de que o trabalho árduo ajudaria o novo homem do Oeste a ter uma ascensão social, a superioridade racial branca e o uso da violência, porém narradas com restrições quando descritas nas personagens brancas e deixando os *status* de selvagem e bárbaro para os povos originários que já ocupavam a região e lutavam para defender o que lhes pertencia.

Todos esses elementos reunidos e associados à *Tese da Fronteira*, de Frederick Jackson Turner (2004), ajudaram a moldar o imaginário e a sociedade estadunidense no decorrer dos anos. A revisão dos romances de fronteira, e da própria história oficial dos Estados Unidos da América, aconteceu, principalmente, na década de 1980 com os estudos da *New Western History* (Nova História do Oeste) organizados por Patricia Nelson Limerick (1987). É importante acentuar que as pesquisas e o processo de escrita de *Meridiano de Sangue* (1985) aconteceram durante esse período de “nova história social” (AVILLA, 2005, p. 390) que ocorria nos Estados Unidos nos anos de 1970-1980.

Ainda sobre o Romance de Fronteira, Steven Frye (2009, p. 9) comenta que, nos Estados Unidos, esse subgênero remonta ao início do século XIX, nos relatos ficcionais de John Filson sobre Daniel Boone, nos romances de guerras revolucionárias de William Gilmore Simms e, mais notavelmente, nos contos de *Leatherstocking*, de James Fenimore Cooper. O centro dessas obras era o mito do Oeste Americano e o herói mítico dessas terras. Personagens foram criadas para incorporar traços humanos, mas eram maiores que a vida, emblemáticos de valores, aspirações, ambições e autopercepções de uma cultura e identidade ainda em formação. Nos

primeiros romances de fronteira escritos no país, o herói mítico é o protagonista de um drama radical que opõe as forças do progresso histórico idealizados nos Estados Unidos, ou seja, a colonização da fronteira pela civilização europeia contra forças de reação, que envolvem as tentativas feitas pelos indígenas e pelos homens brancos da fronteira para preservar modos de vida mais antigos.

A literatura de fronteira de Cormac McCarthy contém todos os temas cabíveis e encontráveis nos romances *southern*s e *western*s: os homens de fronteira, os *sheriffs*, a terra desconhecida e selvagem que deveria ser domesticada por um herói, as armas, os cavalos e os indígenas, além das histórias estarem localizadas na fronteira entre México e EUA. No entanto, conforme Steven Frye (2009, p. 8), Cormac McCarthy faz parte de um grupo de escritores, cujas histórias revisaram a forma como esses elementos estão inseridos na literatura estadunidense. Assim, Cormac McCarthy tem contribuído de forma revisionista para a literatura do seu país através dos seus romances de fronteira.

Apenas o último romance de Cormac McCarthy, *The Road* (2006), apresenta a história de um futuro distópico e pessimista, quebrando com a tradição literária *southern* e *western* do autor. McCarthy também escreveu duas peças teatrais intituladas *The Stonemason* (1995) e *The Sunset Limited* (2006), além de ter feito o roteiro cinematográfico de *The Gardener's Son* (1976) e *The Counselor* (2013).

Dos seus 13 livros publicados, apenas seis foram traduzidos para o Brasil: *Meridiano Sangrento* (1991), cujas segunda e terceira traduções foram feitas posteriormente como *Meridiano de sangue* (2009; 2020). A trilogia da fronteira também recebeu duas tiragens, as quais os títulos ficaram como *Todos os Belos Cavalos* (1993; 2017), *A Travessia* (1999; 2023) e *Cidades da Planície* (2001; 2024). Outras duas traduções também foram feitas para o título *Onde os Velhos Não Têm Vez* (2006; 2023) e apenas uma para *A Estrada* (2007).

Cormac McCarthy utiliza um tema chave e comum dentro do seu universo literário: a violência. As personagens de McCarthy são marcadas e manchadas com o sangue de suas vítimas. Os traços da violência são tecidos nas obras do autor através de um contexto histórico de guerras e de mortes: A decadência de um novo mundo rural e promissor, em decorrência das invasões e domínios históricos; A democracia da violência feita durante o período de expansão territorial dos Estados Unidos, principalmente no século XIX; A decadência familiar por conta de um incesto e as consequências desse ato em um novo mundo guiado por um manifesto de divindade discriminatório; O *wilderness* como a terra sem lei e seus juízes missionários, brancos, anglo-saxônicos e protestantes, cujos atos de violência e barbárie foram incontroláveis no dito “*American Progress*”; A degradação humana e social por conta

da violência, ou seja, povos que se destroem; A extinção da raça humana, projetada na descrença e nas atrocidades que este é capaz de fazer, em um futuro sombrio e desesperançoso. Cormac McCarthy simplesmente acentua o tom da violência em seus romances de forma explícita.

A literatura de Cormac McCarthy

está inspirada no peso histórico do século XX, com a transformação social traumática do sul dos Estados Unidos no período pós-guerra civil americana, a carnificina humana de duas guerras mundiais e o genocídio que os assistiu, bem como a angústia que emerge do desenvolvimento da era tecnológica e nuclear (FRYE, 2009, p. 6-7)⁶.

Cormac McCarthy está preocupado com o drama humano em todas as suas facetas, com as forças da história e com o papel da violência na vida e no mundo em sua grande escala nos seus livros. Ele nos alerta para os desastres da história, as monstruosidades do desvio moral, os absurdos do destino humano, as faixas sublimes de vontade e de coragem, as profundezas do sofrimento, da dor e da psicopatologia. Ele mistura contos de aventura e tragédias dolorosas, funde o lírico sublime e o grotesco repulsivo.

O autor, ao utilizar a violência como uma das temáticas principais de suas obras, contrasta com a tradição literária dos romances históricos *southern*s e *western*s. Ele substitui os elementos tradicionais dessas literaturas, apaga a figura do herói, do mocinho e do vilão e redefine a história do Oeste Americano. Kenneth Lincoln (2009) complementa que o autor

costura seus gêneros híbridos da história, da literatura e da ciência. Os romances e os *scripts* cruzam histórias extraordinárias com histórias mais rudes, fundem as obras *western*s adultas com o apocalipse futurista, combinam a inocência com a devassidão hipnotizante, cria o amor puro à terra e às formas naturais de vida dentro do *Southern Gothic*, ao terreno baldio da cidade e ao naturalismo do sudoeste dos Estados Unidos⁷ (p. 2).

A curiosidade que McCarthy nutre sobre a fronteira e o Oeste Americano ajudou o autor a condenar e a desenterrar a violência e a depravação humana omitidas pela história oficial do seu país. Diferentemente dos escritores clássicos

6 His own work is infused with the historical weight of the twentieth century – the traumatic social transformation of the American South in the postbellum period, the human carnage of two world wars and the genocidal waste that attended them, as well as the angst that emerges from the development of the technological and nuclear age.

7 This self-made writer cobbles his own hybrid genres from history, literature, and science. The novels and scripts cross tall tales with gritty truth, fuse adult westerns with futurist apocalypse, pair row innocence with mesmerizing debauchery, etch pure love of land and natural life-forms into Southern Gothic, city wasteland, and Southwest naturalism.

dos romances de fronteira, que escreviam histórias revolucionárias de guerra com a figura de um herói mítico, cujas características e sonhos eram ainda europeizados e que esse herói venceria todos os obstáculos em prol do avanço e da organização social, Cormac McCarthy surge com uma visão revisionista sobre a fronteira e as constantes invasões dos colonizadores e/ou dos cidadãos estadunidenses e passa a dar voz a personagens que foram renegadas pela história oficial dos Estados Unidos, como indígenas, negros e latinos. Para o autor, os romances de fronteira, em todo o seu escopo histórico, é simplesmente, ou não tão simples, um meio de explorar o gosto humano pela violência, avareza, autogratificação e depravação.

Meridiano de sangue (2020) é a obra de Cormac McCarthy com o tom de violência e denúncia cultural, histórica, política e social mais explícitos. Através do romance, McCarthy expõe e reconstrói os eventos ocorridos no período pós-guerra entre Estados Unidos e México e período pós-tratado de Guadalupe Hidalgo, quando o México foi obrigado a ceder grande parte do seu território para os Estados Unidos no século XIX. No entanto, a crítica central da obra de McCarthy gira em torno do processo de domesticação da fronteira entre os dois países no período em que o romance está ambientado. Todavia, para o melhor entendimento da obra, faz-se necessário uma leitura crítica de *Meridiano de sangue* ou *O rubor crepuscular no Oeste* (2020).

2. Uma leitura crítica de *Meridiano de sangue* ou *O rubor crepuscular no Oeste*

A teoria da democracia dos Estados Unidos da América que, em uma visão ambiciosa, conversadora, egoísta, imperialista e registrada, porém omitida, na história oficial do país, “engrandeceu o homem comum e celebrou as vozes das massas” (INGE, 2001, p. 87)⁸. O pensamento de que a democracia estava se instaurando pelo país alcançou seu ápice com a eleição do presidente dos Estados Unidos, Andrew Jackson, e teve seu período de mandato conhecido como a “democracia” Jacksoniana, que durou de 1828-1850. Os principais projetos políticos nacionais do governo Jackson eram relacionados à expansão territorial em direção ao Oeste, justificada nos termos do *Destino Manifesto*, ou seja, de que o homem branco, anglo-saxônico, protestante e descendente de europeu era o escolhido de Deus, segundo sua concepção religiosa, para “civilizar” as novas terras “conquistadas”.

A expansão da “democracia” Jacksoniana era limitada a esse homem e ignorava completamente outras vidas que habitavam aquelas terras, principalmente a dos povos originários, ao decretar a lei de remoção indígena. Essa dita “democracia” foi a democracia da violência omitida pela história oficial dos Estados Unidos e

⁸ Aggrandized the common man and celebrated the voice of the masses.

regenerada por Cormac McCarthy através da sua obra *Meridiano de sangue* (2020). O romance, escrito em 1985 e ambientado entre os anos 30 e 40 do século XIX, apresenta um jovem do Tennessee chamado, simplesmente, de kid e que parte para o Texas e se junta ao *Glanton Gang* (um grupo de mercenários que, de fato, existiu, e que era conhecido como a gangue que escalpelava índios e quem encontrasse pela frente na região de fronteira entre os EUA e o México).

Pouco se sabe sobre kid, inclusive seu nome ou qualquer outra informação sobre sua origem. O que se sabe é que “sua família é tida como cortadores de lenha e carregadores de água” (MCCARTHY, 2020, p. 9), que a mãe morreu logo após seu parto e que seu pai “se afoga na bebida, cita poetas cujos nomes estão esquecidos” (MCCARTHY, 2020, p. 9). A viagem de kid, do Tennessee ao Texas, é uma referência à horda migratória de diferentes nacionalidades advindas do Leste para o Oeste nos Estados Unidos. No entanto, quem são esses agentes da civilização retratados por Cormac McCarthy no seu romance e projetados pela “democracia” Jacksoniana? No início do romance, kid

mora em um quarto acima do pátio nos fundos de uma taverna e desce à noite como alguma fera de contos de fada para brigar com os marinheiros. Não é grande, mas tem pulsos grandes, mãos grandes. Os ombros são estreitos. O rosto da criança permanece curiosamente intocado por trás das cicatrizes, os olhos singularmente inocentes. Lutam com punhos, com pés, com garrafas ou facas. Todas as raças, todos os tipos. Homens cuja fala soa como o grunhido de grandes macacos. Homens de terras tão distantes e exóticas que parado ali vendo-os sangrar na lama ele sente que a própria humanidade foi vingada (MCCARTHY, 2020, p. 10).

A história de kid, após chegar ao Texas, prossegue pelo Oeste, área completamente desconhecida por ele, e os recortes da violência ficam cada vez mais evidentes conforme ele avança para o interior do seu país: “Com os diabos, pode sair. Sou branco e cristão” (MCCARTHY, 2020, p. 35), dessa forma, kid é encontrado e recrutado para ingressar no exército de Capitão White, que estava “se reunindo para lutar contra os mexicanos” (MCCARTHY, 2020, p. 36).

O discurso do “homem branco e cristão” remete a ideologia WASP (*White, Anglo-Saxon and Protestant*), cuja tradução é o branco, anglo-saxônico e protestante, e a crença no manifesto de divindade na voz do narrador de *Meridiano de sangue* (2020) e nos discursos de ódio pejorativo e das atitudes violentas por parte das personagens com características “brancas e cristãs”, que acreditam estar cumprindo a missão na qual foram destinados.

O discurso *WASP*, a descrição do que é o *Destino Manifesto*, a razão pela qual as tropas do exército dos Estados Unidos deveriam exercer o controle total do México e a justificativa para a execução dos planos políticos da democracia da violência estão claros na fala da personagem do Capitão White:

Estamos lidando aqui é com uma raça de degenerados, disse. Uma raça de mestiços, não muito melhor que negros. E talvez nem isso. Não existe governo no México. Diabo, não existe Deus no México. Nunca vai existir. A gente está lidando com um povo absolutamente incapaz de se governar sozinho. E sabe o que acontece com povos que não conseguem se governar sozinhos? Isso mesmo. Outros vêm e governam por ele (MCCARTHY, 2020, p. 40-41).

A conversa entre kid e o Capitão White refere-se à guerra entre Estados Unidos e México (1846-1848), aos voluntários de guerra do Tennessee e ao tratado de Guadalupe Hidalgo (1848) assinado entre os dois países, obrigando o México a ceder a região que vai do estado do Novo México até a Califórnia para os EUA, ato esse que os mexicanos demoraram a reconhecer.

O Capitão White convence kid a entrar para o seu exército e ele também está convencido “de que Sonora vai acabar se tornando território dos Estados Unidos. Guayanas um porto americano” (MCCARTHY, 2020, p. 41). Entretanto, antes de o exército encontrar os mexicanos, o grupo de saxões é atacado por uma horda de indígenas Comanche. A narração é feita sob o ponto de vista *WASP* e os indígenas, bem como suas atitudes, são descritas de forma tenebrosa:

Uma legião medonha, às centenas em número, seminus ou vestidos em trajes áticos ou bíblicos ou ataviados como num sonho febril com as peles de animais e ornatos de seda e peças de uniforme ainda marcadas pelo sangue de seus donos originais, capotes de dragoons trucidados, casacos de cavalaria com galões e alamares, um de cartola e outro de guarda-chuva e mais outro com longas meias brancas de mulher e um véu de noiva manchado de sangue e alguns com cocares de penas de grou ou capacetes de couro cru ostentando chifres de touro ou búfalo e um metido em um fraque ao contrário e de resto nu e outro com a armadura de um conquistador espanhol, o peitoral e as espaldeiras com fundas mossas de antigos golpes de maça ou sabre feitos em outro país por homens cujos ossos eram agora pó e muitos ainda com suas tranças entrelaçadas ao pelo de outras feras a ponto de arrastar no chão e as orelhas e rabos de seus cavalos ornamentados com retalhos de tecidos coloridos brilhantes e um cujo animal tinha a cabeça inteira pintada de escarlate e os rostos

de todos os cavaleiros lambuzados de tinta de um jeito espalhafatoso e grotesco como uma companhia de palhaços a cavalo, hilários, mortais, todos ululando em uma língua bárbara e caindo sobre eles como uma horda de um inferno ainda mais horrível que o mundo sulfuroso do juízo cristão, guinchando e gritando e amortalhados em fumaça como esses seres vaporosos de regiões além da justa apreensão onde o olho erra e os lábios balbuciam e babam (MCCARTHY, 2020, p. 59-60).

A descrição do exército Comanche, principalmente ao mencionar que eles possuíam armas e equipamentos espanhóis, indica que eles foram vítimas de violência desde as primeiras invasões europeias e se estendeu através dos anos, quando essa violência foi acentuada com a lei de remoção indígena estabelecida no governo de Andrew Jackson e contribuiu para a democracia da violência no processo de “domesticação” e expansão territorial do Oeste, e que precisavam lutar para sobreviver e defender o território que lhes pertenciam antes da invasão estrangeira. Assim, diante de constantes ataques e invasões, os indígenas passaram a ver os homens brancos como inimigos também.

A primeira parte do romance de Cormac McCarthy termina quando kid é preso em uma cidade mexicana e tem seu destino cruzado com a *Glanton Gang* após o ataque Comanche. Essa gangue costumava visitar cidades e ser contratada para serviços de limpeza étnica. Como prova de que o contrato havia sido executado, era praxe que os escalpos de suas vítimas fossem apresentados em pilhas nos gabinetes dos contratadores.

Os “missionários da civilização” integrantes da *Glanton Gang*, cujo “destino” os escolheram para “civilizar” o Oeste dos Estados Unidos, usavam a violência sem restrição contra qualquer pessoa que eles encontravam pela frente durante suas várias viagens. O meridiano 99, de Frederick Jackson Turner, foi a expansão da fronteira da barbárie e da violência alastrada pelas terras do Oeste, que sob o ponto de vista do europeu invasor e da *Frontier Thesis*, do mesmo Turner, era a região conhecida como o *wilderness*, ou seja, um lugar inóspito, hostil, perigoso e selvagem, uma “área de terra livre” (TURNER, 2004, p. 23) pronta para ser “conquistada” e “domesticada” pelos seus invasores, que acreditavam estarem libertando os habitantes do Oeste da vida pagã e estabelecendo a paz na região, justificando a crueldade dos seus atos e as constantes batalhas contra os indígenas.

A atmosfera de *Meridiano de sangue* (2020) é de morte e no início de uma das várias viagens da gangue pelo deserto, o grupo de kid se depara com uma composição espacial caracterizada pela atmosfera sombria de violência e de morte:

O caminho foi se estreitando entre rochedos e após algum tempo chegaram a um arbusto de cujos ramos pendiam bebês mortos.

Pararam lado a lado, hesitantes sob o calor. Aquelas pequenas vítimas, sete, oito delas, haviam sido perfuradas no maxilar inferior e estavam desse modo penduradas pelas gargantas nos galhos partidos de um pé de prosópis para fitar cegamente o céu nu (MCCARTHY, 2020, p. 65).

Diante do exposto, resta-nos questionar quem são os membros da *Glanton Gang*? Quais são as suas identidades e quem são eles por trás da caça de escalpos e dos assassinatos? De acordo com Kenneth Lincoln (2009, p. 79) as principais fontes documentais que McCarthy utilizou para recriar a história da marcha para o Oeste foi o livro *My Confession: the Recollections of a Rogue*, do General Samuel E. Chamberlain e *The Scalp Hunters*, de John Mayne Reid. Contudo, poucas informações sobre essas personagens são reveladas durante a narrativa de *Meridiano de sangue* (2020).

Historicamente, John Joel Glanton foi um emigrante que estava se deslocando da costa Leste do Estados Unidos em direção a Califórnia, no período conhecido na história do país como a *golden rush* (febre do ouro), e prestava trabalho de caçador de escalpo com a intenção de arrecadar dinheiro para financiar sua viagem. A retirada de escalpos naquela época era um ofício “comum” por parte dos saxônicos, além de ser um trabalho lucrativo para alguns integrantes do exército estadunidense e seus grupos de milícias.

Todavia, a história oficial dos Estados Unidos esconde que “o nome de Glanton está associado a violência” (SEPICH, 2008, p. 29)⁹. John Sepich (2008), em seu livro *Notes on Blood Meridian*, revela uma variedade de fontes históricas contendo informações sobre Glanton e a participação de sua gangue em vários assassinatos e batalhas contra indígenas e mexicanos na região de fronteira entre EUA e México, fontes essas também utilizadas por Cormac McCarthy na caracterização de sua personagem.

As pesquisas de McCarthy sobre Glanton resultaram em “uma personalização, geralmente não encontradas em histórias ou relatos pessoais que mencionam ele” (SEPICH, 2008, p. 35). Em *Meridiano de sangue*, Glanton é descrito apenas como “um homem pequeno de cabelos negros” (MCCARTHY, 2020, p. 88), porém seus atos de crueldade, de loucura e de violência são ainda mais medonhos do que o ataque Comanche sofrido por kid e os mercenários de Capitão White no início do romance. Os indígenas lutavam porque estavam sendo constantemente atacados, assassinados e escravizados pelos brancos. Glanton e seu grupo de extermínio matavam por maldade e com a finalidade de enriquecerem através de seus atos.

⁹ Glanton's name is associated with violence.

A descrição da retirada do primeiro escalpo cometido pela gangue em *Meridiano de sangue* (2020) acontece quando eles encontram uma frágil e velha senhora quase morta em uma cidade desolada no México. Glanton se assusta com as condições da senhora. “Nem coragem, nem proteção nos olhos velhos. Ele apontou com a mão esquerda e ela seguiu sua mão com o olhar e ele pôs a pistola em sua cabeça e disparou” (MCCARTHY, 2020, p. 105). Após o assassinato, Glanton pede a um mexicano integrante do seu grupo para pegar o “comprovante” de que o serviço havia sido executado:

McGill, disse.

Um mexicano, único de sua raça entre aquela companhia, avançou.

Pega o recibo pra nós.

Ele puxou uma faca de esfolar do sinto e se encaminhou na direção da velha e agarrou a cabeleira e com uma torção de pulso passou a lâmina da faca em torno do crânio e arrancou o escalpo (MCCARTHY, 2020, p. 106).

Assim, a segunda parte de *Meridiano de sangue* (2020) se desenrola, ou seja, com os mercenários participando de diversos massacres e distribuindo violência contra tribos indígenas, mexicanos, negros e, até mesmo, contra outros grupos de europeus que tentavam a sorte por aquelas terras em direção a Califórnia, até chegarem à balsa de Yuma, onde são quase que completamente destruídos em uma batalha contra os nativos.

Os ditos “agentes da paz” no romance de McCarthy nomeavam a guerra contra os indígenas e os mexicanos como um jogo, onde apenas os predestinados saíam vencedores. Esse jogo da guerra está explícito na fala da personagem Juiz Holden:

Os homens nasceram para jogos. Nada mais. Qualquer criança sabe que brincar é mais nobre que trabalhar. Sabe também que o valor ou mérito de um jogo não é inerente ao jogo em si mas antes ao valor do que está em risco. Jogos de azar exigem uma aposta para significar alguma coisa. Jogos esportivos envolvem a habilidade e força dos oponentes e a humilhação da derrota e o orgulho da vitória são em si mesmos aposta suficiente pois estão indissociavelmente ligados ao valor dos envolvidos e os definem. Mas seja qual for a prova, se de sorte ou valor, todo jogo aspira à condição de guerra pois nesse caso o que se aposta suprime tudo, jogo, jogadores, tudo (MCCARTHY, 2020, p. 261).

O Juiz Holden é o principal representante e símbolo da barbárie, da selvageria e da violência em *Meridiano de sangue* (2020). O primeiro contato que o leitor e, o próprio kid, tem com ele é no antigo vilarejo texano de Nacogdoches, localizado

exatamente no meridiano 99, ou seja, a fronteira entre mundo civilizado e selvagem estipulada por Turner (2004). Holden é uma personagem misteriosa, de educação refinada, porém um dos mais cruéis mercenários da *Glanton Gang*. Ele é apresentado como um “sujeito enorme [...] calvo como uma rocha e não tinha traço de barba e nenhuma sobrancelha acima dos olhos, tampouco cílios. Ultrapassava os dois metros e dez de altura (McCarthy, 2020, p. 12). Holden tem as características dos antigos heróis míticos dos romances de fronteira clássicos, não fosse pela sua vontade incontrolável de matar e na sua crença de superioridade e supremacia racial.

A certeza de uma sociedade agrícola e pastoril, projetada pelos primeiros colonizadores puritanos como o novo Jardim do Éden a ser habitado, é fortalecida na história dos Estados Unidos, principalmente no século XIX, com a promessa de aquisição de lotes de terras no Oeste para as famílias advindas do Leste, com o intuito de explorar as riquezas naturais da região e também incentivar a marcha dos colonizadores para o interior do país.

O novo “explorador”, guiado pelo destino que o escolhera e pelo sonho de começar e/ou recomeçar sua vida no novo paraíso na terra, passa a ser o novo herói da nação e começa, com a ajuda da literatura e das políticas governamentais imperialistas do país, a constituir o caráter e a identidade do “novo” homem do Oeste e também dos Estados Unidos. Na literatura do país, esse herói mítico é conhecido como *American Adam* (Adão Americano), ou seja, um homem autêntico, com valores, determinado, esforçado, esbelto e inovador, cujas práticas progressistas o ajudariam na sua ascensão social e na concretização dos seus sonhos e do seu destino.

O Juiz Holden é a revisão dessa figura estereotipada do *American Adam* na literatura dos Estados Unidos; “Ele é uma figura onipresente que transcende raça, nacionalidade ou propósito político” (FRYE, 2009, p. 10)¹⁰, mas ao mesmo tempo ele é a encarnação simbólica da violência na literatura do seu país. Holden acredita que a guerra e a violência, além de serem um jogo, são redentoras. O juiz vê a violência como algo da própria criação divina, como uma característica da divindade, e que “a guerra é deus” (MCCARTHY, 2020, p. 262).

A terceira, e última parte do romance, foca nas personagens de Holden e de kid, após sobreviverem a batalha na balsa de Yuma contra os indígenas. Vagando pelo deserto, kid encontra o juiz e este por sua vez quer matá-lo, pois ele acredita que kid foi o responsável pela derrota e extinção da gangue.

Foi você e ninguém mais que moldou os eventos na direção de um curso tão calamitoso. Culminado com o massacre no vau do rio perpetrado pelos selvagens com quem você conspirou. Os meios e os fins não são

¹⁰ He is a ubiquitous figure who transcends race, nationality, or political purpose.

muito importantes aqui. Meras especulações vazias. Mas mesmo que você carregue o esquema do seu plano assassino junto com você para a cova de um jeito ou de outro ele será revelado em toda a sua infâmia ao seu Criador e assim sendo igualmente será dado a conhecer até o mais humilde dos homens (MCCARTHY, 2020, p. 320).

Os dois se enfrentam no deserto, porém nada acontece. Vinte e oito anos depois, em 1878, tempo este da narrativa em que kid agora é “o homem” (MCCARTHY, 2020, p. 328), os dois se reencontram em um bordel localizado em uma cidade no nordeste do Texas. Após uma confusão no local, o juiz se dirige ao homem: “Os últimos de verdade. Diria que ficaram todos pelo caminho, tirando tu e eu. [...] E alguns ainda por nascer motivos haverão de ter para amaldiçoar a alma do Delfin” (MCCARTHY, 2020, p. 346). Os dois conversam e o juiz fala sobre o destino, o existencialismo, a guerra e a supremacia do homem branco. Na noite seguinte, em meio a uma festa no mesmo *saloon*, nas latrinas do lugar, Holden o mata e depois ele dança e “ele diz que nunca vai morrer” (MCCARTHY, 2020, p. 350).

Meridiano de sangue (2020) possui traços marcantes de violência e o livro tem uma forte base histórica referente a um período problemático na história dos Estados Unidos. Assim, a quantidade de estudos críticos relacionada a essa obra é expressiva dentro da academia estadunidense. A começar por Willard P. Greenwood (2009, p. 50) ao afirmar que o romance de Cormac McCarthy representa a convergência do talento do autor como escritor e seu intelecto significativo, ilustrando essa união através das epígrafes que iniciam a obra:

Pois suas ideias são terríveis e seus corações são fracos. Seus atos de piedade e de crueldade são absurdos, sem calma, como que irresistíveis. Enfim, vocês temem o sangue cada vez mais. Vocês temem o sangue e o tempo.

PAUL VALÉRY

Não se deve pensar que a vida da escuridão está mergulhada no sofrimento e perda como que no pesar. Não existe pesar. Pois o pesar é algo que é tragado pela morte, e a morte e o momento em que se morre são a própria vida da escuridão.

JACOB BOEHME

Clark, que chefiou a expedição do ano passado à região de Afar, no norte da Etiópia, e seu colega da Universidade da Califórnia em Barkley, Tim D. White, também afirmaram que um reexame de crânio fóssil de 300 mil anos de idade encontrado anteriormente nessa mesma região exhibe sinais de ter sido escalpelado.

The Yuma Daily Sun, 13 de junho de 1982 (MCCARTHY, 2009, p. 7).

As epígrafes introduzem ao leitor os principais eventos e temas que se desenvolverão ao longo da narrativa de McCarthy. A citação de Paul Valéry foi retirada de seu artigo *The Yalu* datado de 1895, cujo tema foi a Primeira Guerra Sino-Japonesa, com o Japão lutando contra a China pelo controle da Península coreana. Jacob Boehme foi um filósofo, místico e teólogo luterano alemão, cujos pensamentos eram inspirados nos postulados bíblicos. A última citação é um registro arqueológico e jornalístico de um crânio escalpelado há mais de 300 mil anos. Essencialmente, Cormac McCarthy alerta e apresenta ao leitor a crueldade e a violência que sempre existiram no homem e que esta guiará os acontecimentos do seu romance.

Outro crítico da literatura de McCarthy, Steven Frye, ao tratar de *Meridiano de sangue* (2020), pontua que a obra é “inflexível em seu relato revisionista das realidades mais sombrias da expansão para o Oeste, já que a gangue de Glanton começa a atuar com um mandato legal para pegar escalpos e ajudar a reprimir a terra estrangeira” (2009, p. 10)¹¹.

Steven Shaviro (2009) acrescenta que

Meridiano de sangue representa o ritual violento de sacrifício e de autoconsumo sobre o qual nossa civilização está fundada. [...] O sonho americano do destino manifesto deve ser repetido continuamente, devastando a paisagem no decorrer de sua marcha desastrosa até o mar. Nosso terrível progresso é inferior a busca de alguma continuidade do que a verificação de um princípio, uma reiteração obsessiva sem avanço, pois só construímos para destruir (p. 20)¹².

Em toda parte do romance a morte deixa seus rastros de memórias. Não são apenas os escalpos coletados por Glanton e seus homens que assustam. A árvore de bebês mortos, a múmia crucificada, o círculo de várias cabeças, os corpos estripados de homens com estranhos ferimentos menstruais entre as pernas, os estupros e as mortes das crianças inocentes também são outros exemplos da constante violência praticada por esses homens “civilizados”. *Meridiano de sangue* (2020) é o desmascaramento de uma realidade ocultada durante anos nos Estados Unidos e distorcida para a imposição de uma ideologia política discriminatória.

Cormac McCarthy, com a escrita do seu romance, faz o leitor perceber que guerra é sempre sobre matar e retira os padrões românticos associados a essa palavra

¹¹ *Blood Meridian* is unflinching in its “revisionist” account of the darker realities of westward expansion, as the *Glanton Gang* begins with a legal mandate to take scalps and assist in quelling the alien land.

¹² *Blood Meridian* performs the violent, sacrificial, self-consuming ritual upon which our civilization is founded. [...] The American dream of manifest destiny must be repeated over and over again, ravaging the indifferent landscape in the course of its lemmings’ march to the sea. Our terrible progress is less the pursuit of some continuance than verification of a principle, an obsessive reiteration without advancement, for we build only to destroy.

na literatura do seu país. A construção da narrativa de *Meridiano de sangue* (2020) contrasta o grotesco da carnificina humana com descrições intensas e penetrantes de um deserto, que o próprio Holden diz ser “vazio” e “impiedoso” (MCCARTHY, 2020, p. 345), difícil de ser comparado com um paraíso. Em relação as personagens, o narrador onisciente não apenas observa, mas faz julgamentos e dialoga com a ideologia do colonizador saxônico. Enquanto indígenas, mexicanos e negros são sempre descritos pejorativamente e como selvagens, bem como as cidades de fronteira do México, os saxões surgem como os mais confiáveis e protetores da nação. No entanto, está nítido também que do início ao fim do romance, o que eles querem é matar, usurpar e usufruir do que eles tomaram com violência.

O crítico Georg Guillemin, reportando-se ao espaço de *Meridiano de sangue* (2020), certifica que o romance “já foi submetido a várias interpretações ecopastoris” (2004, p. 73)¹³, uma vez que o *wilderness*, ou seja, a natureza densa e selvagem, não pode ser ignorado na obra, porque lá “a absoluta falta de lei das personagens marca o *wilderness* do deserto” (GUILLEMIN, 2004, p. 73)¹⁴ em uma relação topocídica.

O *wilderness* é a natureza dominante no romance de Cormac McCarthy. É “a alegoria pastoral que reflete o declínio do ideal agrário” (GUILLEMIN, 2004, p. 74)¹⁵ que preocupou os colonizadores desde os tempos puritanos. O Oeste dos Estados Unidos está longe de ser o Jardim do Éden. A teoria da democracia e os atos “nobres” de civilização e domesticação da região são frustrados com a aridez do lugar. Não havia horizontes de campos verdes e floridos. Havia areia, pedras e rochas. Havia milhares de pessoas com culturas, crenças e sistemas sociais bem definidos que foram desertadas. Dessa terra eles viviam e dessa mesma terra eles cuidavam. Devido a ambição e aos interesses dos colonizadores, a relação homem e natureza em *Meridiano de sangue* (2020) é devastadora.

Harold Bloom, ao reportar-se a *Meridiano de sangue*, acentua que “nenhuma das carnificinas é gratuita ou redundante” (BLOOM, 2009, p. 2)¹⁶ no romance. Cada ato de barbárie e selvageria dos saxônicos tem um propósito bem definido por eles e pela república que decidiram defender. Elizabeth Andersen (2008) considera o romance como “uma alegoria da trágica busca do homem pela autodeterminação governada por uma ideia de destino predestinado” (p. 88)¹⁷.

13 Blood Meridian has already been subjected to several ecopastoral interpretations.

14 The absolute lawlessness of the characters matches the absolute wilderness of the setting.

15 The pastoral allegory reflecting the decline of the agrarian ideal.

16 None of its carnage is gratuitous or redundant.

17 An allegory of man's tragic quest for self-determination in a cosmos governed by predestined fate.

Referências

ANDERSEN, Elisabeth. *On Blood Meridian*. In: ANDERSEN, Elisabeth. *The Mythos on Cormac McCarthy: A String in the Maze*. Tennessee: Lightning Source Inc., 2008. p. 88-111.

AVILLA, Arthur Lima de. *O Oeste historiográfico norte-americano: a Frontier Thesis vs a New Western History*. Anos 90, Por Alegre, v. 12, n. 21/22, p. 369-413, 2005. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/6379>. Acesso em 24 de abril de 2024.

BLOOM, Harold. *Bloom's Modern Critical Views: Cormac McCarthy*. New York: Bloom's Literary Criticism, 2009. p. 2-8.

FRYE, Steven. *Understanding Cormac McCarthy*. South Carolina: University of South Carolina Press, 2009.

GUILLEMIN, Georg. *Optical Democracy: Biocentrism in Blood Meridian (1985)*. In: GUILLEMIN, Georg. *The Pastoral Vision of Cormac McCarthy*. Texas: Texas A&M, 2004. p. 73-101.

GREENWOOD, Willard P. *Blood Meridian*. In: GREENWOOD, Willard P. *Reading Cormac McCarthy*. Califórnia: Greenwood Press, 2009. p. 49-54.

INGE, M. Thomas. *A Nineteenth Century American Reader*. Washington: United States Information Agency, 2001.

JONES, Paul Christian. *Historical Romance*. In: FLORA, Joseph M.; MACKETHAN, Lucinda H.; TAYLOR, Todd. *The Companion to Southern Literature: themes, genres, places, people, movements, and motifs*. Louisiana: LSU Press, 2002. p. 334-339.

LINCOLN, Kenneth. *Cormac McCarthy: American Canticles*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2009.

MCCARTHY, Cormac. *Meridiano de Sangue ou O Rubor Crepuscular no Oeste*. Tradução Cássio de Arantes Leite. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2020.

SEPICH, John. *Notes on Blood Meridian: revised and expanded edition*. Texas: University of Texas Press, 2008.

SHAVIRO, Steven. *The Very Life of Darkness*. In: ARNOLD, Edwin T.; LUCE, Dianne C. (Ed.). *Perspectives on Cormac McCarthy*. Jackson: University of Mississippi Press, 2009. p. 145-158.

TURNER, Frederick Jackson. *O significado da fronteira na história Americana*. In: KNAUSS, Paulo (Org.). *Oeste Americano; quatro ensaios de história dos Estados Unidos da América*. Niteroi: EdUFF, 2004, p. 23-54.

Recebido: 24/04/2024

Aceito: 27/04/2024

Publicado 29/04/2024

